



**STIC-BH  
MARRETA**  
31- 3449-6100

# MARRETA

Filiado à FETICOM-MG - Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Minas Gerais

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção em Edificações, Cimento, Cal e Gesso, Ladrilho Elétrico, Cerâmica, Mármore e Granito, Olarias e Produtos e Artefatos de Cimento de Belo Horizonte, Lagoa Santa, Nova Lima, Raposos, Ribeirão das Neves, Sabará e Sete Lagoas Sede: Rua Além Paraíba, 425 - Lagoinha - BH - Tel.: (31) 3449-6100 - Site: www.sticbh.org.br - Subsede: Sete Lagoas - Rua Alarico de Freitas, 69 - Bairro Boa Vista - Tel.: (31) 3776-7710



Julho 2023

Orocílio,  
Presente na luta!

**LIGA  
OPERÁRIA**

## “Mão calejada rompe caminho”<sup>1</sup> Viva os levantes operários de 1979!

Os anos de 1960 representam um grande desenvolvimento da luta de classes em nosso país. O gerente de turno, João Goulart, lança mão das chamadas “Reformas de Base”, cujo eixo era a reforma agrária, para atender os anseios do crescente movimento democrático-popular da época. Em meio a esse cenário, o alerta vermelho dado pelo imperialismo para abater a “ameaça comunista” culmina o golpe cívico-militar em 1º de abril de 1964. Além de tentar aplastar o perigo da revolução democrática, essa medida servia para reestruturar o governo de grandes burgueses e latifundiários capachos do imperialismo, principalmente ianque.

Na contramão dos objetivos das Forças Armadas reacionárias, a rebeldia popular cresce frente a estruturação de um regime militar fascista. Em 28 de março de 1968, diante do assassinato do jovem secundarista, Edson Luiz, no Restaurante Calabouço, num contundente ato de fúria, o povo toma as ruas do Rio de Janeiro e carrega o corpo do jovem para colocá-lo nas escadarias da Assembleia Legislativa para demarcar e acusar mais um crime do regime fascista instaurado. Menos de um mês depois, em 16 de abril, eclode em Minas Gerais na Siderúrgica



Operários da construção, reafirmam decisão e votam pela Greve, Belo Horizonte 30 de julho de 1979

Belgo Mineira (hoje Arcelo Mittal S/A) no município de Contagem, a primeira greve operária do regime militar, liderada por Ênio Seabra e Joaquim de Oliveira. (...)

[Leia a integra - Pagina 2](#)

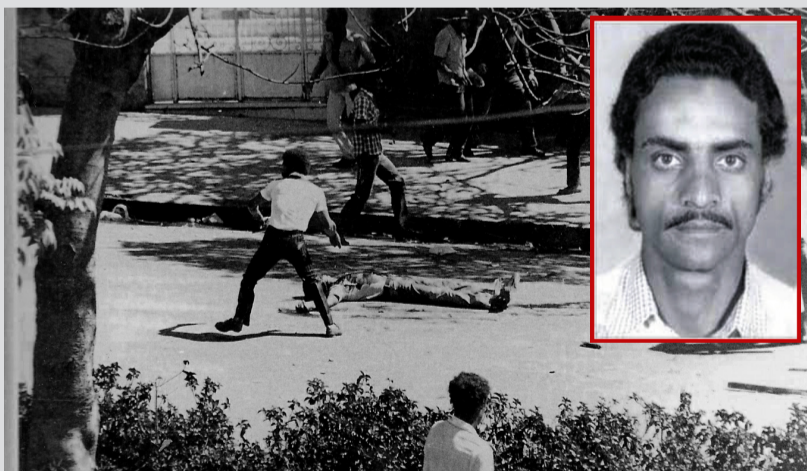
## “Nós construímos, nós destruimos!” Viva a rebelião operária nas obras de Belo Horizonte e Região!

Seguindo os passos dos metalúrgicos da Manensmann, dos professores e dos rodoviários, a greve da construção civil é cuidadosa e conscientemente organizada nos canteiros de obras e bairros proletários, ao contrário do que pregam os oportunistas e o monopólio de imprensa que apontam o movimento como “espontâneo”. Assim, a força política dos levantes operários da época e do trabalho do grupo Marreta Metalúrgica, impuseram ao interventor, Francisco Pizarro, a convocação de uma Assembleia para o dia 29 de julho, evento que serviu para os operários decidirem a greve para o dia seguinte, nosso grande 30 de julho! (...)

[Leia a integra Página 4](#)



## Por que Orocílio é um dos heróis do povo brasileiro?



Operários tentam proteger corpo de Orocílio, resistindo com pedras e paus, contra a repressão - 30-07-1979

Porque o companheiro Orocílio morreu em defesa de nossa causa, em nosso histórico levante, em 1979, e quem tomba em combate contra o inimigo, jamais morre, segue vivo na mente e no coração de todos os lutadores e das massas populares. É herói do povo brasileiro, mesmo que alguns pensem que para ser herói tem que ter superpoderes. Um verdadeiro herói é aquele que se dispõe a lutar pela causa do povo e está disposto a pagar com a própria vida a defesa dos interesses do povo, para romper as amarras que o prende.

“O companheiro Orocílio era um tratorista e nem sabia o que estava fazendo...”, dizem alguns, mas o



companheiro não recuou ao se deparar com a tropa de choque da polícia, ele não sabia que seria assassinado, mas tinha certeza que só com a luta é possível conquistar melhorias para a classe e que a caída em combate de um companheiro só faz aumentar o ódio à exploração. Mas foi vítima de um regime militar/fascista que dominava o país desde o golpe de 1964 e por isso deve ser reverenciado como herói do povo brasileiro! Como ele, muitos companheiros e companheiras, verteram seu generoso sangue, na luta contra os exploradores e algozes

do povo e são os verdadeiros heróis e heroínas do povo, que terão seus nomes sempre exaltados em meio aos lutadores, que assim que se alcançar um Brasil mais justo e igualitário, no qual se erguerá o Pantheon dos Heróis onde seus nomes serão gravados para a eternidade. O generoso sangue desses combatentes do povo, avermelharam mais ainda a nossa gloriosa Bandeira, causando espanto a todos reacionários e assombrando os traidores do povo. Tremam senhores, as massas saberão cobrar caro!

**Orocílio, presente na luta!**

## “O Sindicato agora é nosso!” A retomada de 1988

(...) Após a constituinte e 1988, que retirou a subordinação do Sindicato ao Ministério do Trabalho, a diretoria da entidade só pode ser composta de trabalhadores da categoria. No mesmo ano, os operários, liderados pela chapa Marreta, convoca uma Assembleia Geral na sede do Sindicato, mobiliza os operários que se levantam no dia 30 de novembro e ocupam o sindicato por vários dias. O resultado foi: expulsão do interventor, Pizarro, processo que pôs fim há 24 anos de intervenção na entidade.

A resistência dos operários culmina com a eleição de uma junta administrativa da qual a CUT/PT foi convidada para integrar. Para realizar a eleição, a junta convocou uma Assembleia Geral Extraordinária para a definição dos novos estatutos do sindicato e para determinar a forma da eleição em fevereiro de 1989. (...)

[Leia a integra na Página 3](#)

*“... Cai, orvalho de sangue do escravo,  
Cai, orvalho, na face do algoz.  
Cresce, cresce, seara vermelha,  
Cresce, cresce, vingança feroz. ...”*

**Bandido Negro - Castro Alves**

# “Mão calejada rompe caminho”

## Viva os levantes operários de 1979!

Os anos de 1960 representam um grande desenvolvimento da luta de classes em nosso país. O gerente de turno, João Goulart, lança mão das chamadas “Reformas de Base”, cujo eixo era a reforma agrária, para atender os anseios do crescente movimento democrático-popular da época. Em meio a esse cenário, o alerta vermelho dado pelo imperialismo para abater a “ameaça comunista” culmina o golpe cívico-militar em 1º de abril de 1964. Além de tentar aplastar o perigo da revolução democrática, essa medida servia para reestruturar o governo de grandes burgueses e latifundiários capachos do imperialismo, principalmente ianque.

Na contramão dos objetivos das Forças Armadas reacionárias, a rebeldia popular cresce frente a estruturação de um regime militar fascista. Em 28 de março de 1968, diante do assassinato do jovem secundarista, Edson Luiz, no Restaurante Calabouço, num contundente ato de fúria, o povo toma as ruas do Rio de Janeiro e carrega o corpo do jovem para colocá-lo nas escadarias da Assembleia Legislativa para demarcar e acusar mais um crime do regime fascista instaurado. Menos de um mês depois, em 16 de abril, eclode em Minas Gerais na Siderúrgica Belgo Mineira (hoje Arcelo Mittal S/A) no município de Contagem, a primeira greve operária do regime militar, liderada por Ênio Seabra e Joaquim de Oliveira. Esses acontecimentos encorajam novos levantes e, num período de três meses, operários da Cobrasma (Osasco, SP), liderados por Zequinha Barreto e José Ibrahim, realizam uma greve de ocupação da fábrica de trens em 16 de julho, luta que contou com forte repressão e destacou, uma vez mais, atos de ilegalidade e violência que o regime não se furtava em desferir.

O movimento popular estava febril. Como expressão da convergência entre a crescente rebelião popular e o trabalho das organizações revolucionárias, a luta armada é assumida como caminho para a derrubada violenta do regime fascista. Desse período, data o histórico 1º de Maio em 1968 em São Paulo, convocado pelo governador Laudo Natel. Num ato de proselitismo barato, a “celebração”, realizada na Praça da Sé, foi recebida por comandos operários que sabotaram contundentemente o evento. O tiro saiu pela culatra e aquele 1º de Maio foi celebrado em alto nível: uma enérgica ação militarizada do movimento revolucionário!

O avanço da consciência sobre o caminho da luta armada contra o regime militar fascista acumulou vasto aprendizado, cuja importância transcende aquele período histórico, e tem seu ápice a gloriosa Guerrilha do Araguaia, dirigida pelo Partido Comunista do Brasil – PC do B (que não tem nada a ver com o atual, que é revisionista e traidor das aspirações populares). Sua memória segue viva na boca do povo até hoje! Para muitos Osvaldão, o gigante negro, não morreu e segue pela mata ajudando o povo. A guerrilheira Dina inspira as melhores filhas do nosso povo e ainda vive naquela densa mata.

Para garantir a “lei e a ordem”, o Alto Comando das Forças Armadas impõe o Ato Institucional Número 5 (AI-5) em dezembro de 1968, medida que recrudescia o regime incrementando perseguições, prisões, torturas e desaparecimentos forçados para tudo e todos que cheirasse a democracia. Em correspondência a correlação de forças, as organizações democrático-revolucionárias passam a se organizar clandestinamente em fábricas e bairros proletários para seguir o trabalho de mobilização, politização e organização diante desse cenário.

Anos passam e a mobilização popular não para. Em março de 1978, na Praça da Sé em São Paulo, ocorre um contundente protesto que arrastou multidões contra a



Operários da Construção, lotaram o antigo campo do Atlético Mineiro, depois enfrentarem a repressão e arrebentarem o portão. O campo ficava no Bairro de Lourdes (Av. Olegário Maciel, onde é hoje o Daimond Mall Shopping)

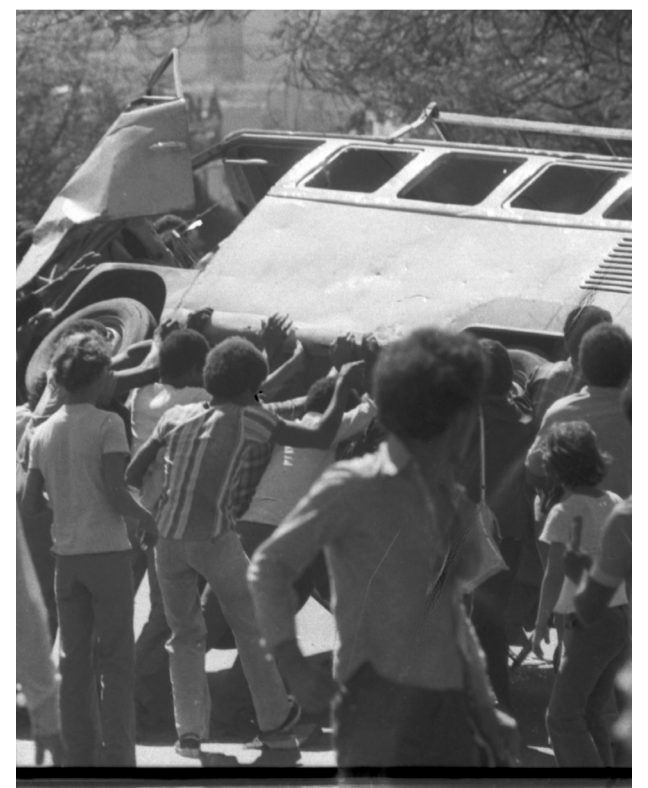
Carestia de Vida e, em maio do mesmo ano, culmina a greve dos operários da Scania que, além das reivindicações econômicas, denunciavam o tacão do regime militar fascista. Uma verdadeira onda de mobilizações e protestos populares é desatada, impondo ao governo militar do General Ernesto Geisel a revogação do AI-5, em 1º de janeiro de 1979. Na cúpula do regime, a pugna pela sucessão de Geisel entre a extrema-direita e a direita se agudiza e tem como desfecho a candidatura de João Batista Figueiredo, representando a direita hegemônica no Alto Comando das Forças Armadas reacionárias.

No ano de 1979, a rebelião popular configura um dos mais importantes marcos da história da luta de classes do país. Em abril, no estado de Minas Gerais, explode a greve dos professores estaduais exigindo melhores salários e condições de trabalho. Foram 43 dias de embates e desse processo nasceu a União dos Trabalhadores do Ensino, o que viria a se tornar o Sindi-UTE. Em meio ao vigoroso movimento do professorado, acontece a greve da Manensmann, uma das principais batalhas dessa época. A fábrica era a maior metalúrgica do estado contando com mais de 14 mil empregados e, desses, mais de 12 mil operários. Dirigida pela mão de ferro de nosso Companheiro Boné, sua direção proletária assegurou o firme caminho do movimento. Os operários tomaram o alto-forno, as aciarias, o gasômetro e a subestação de energia elétrica, guarnecendo pontos vitais da fábrica e utilizando seu controle para impôr as reivindicações aos patrões e ao regime. A força dessa luta impõe a tomada de posição do sindicato de direção pelega que passa a assumir a greve e a apoiar materialmente o movimento. O resultado foi a vitoriosa conquista da reivindicação principal dos operários, referente às escalas de trabalho extenuantes, a famigerada 7 Letras, e o ajuste salarial de 20%, além de mobilizar e politizar levantando a consigna “Liberdade dos Presos Políticos” e pela derrubada revolucionária do regime militar fascista pró-ianque. Enquanto isso, em São Bernardo – SP, a direção pelega de Luiz Inácio aconselhava os operários a aguardarem em casa a resposta dos “patrões” enquanto ele mesmo negociava com os barões industriais, burocratas da FIESP e derivados.

A greve da Manensmann crava uma firme organização clandestina no interior da fábrica e serve de estopim para um movimento grevista ímpar que se espalha por outros setores

da produção. Essa explosão democrático-revolucionária tem seu auge na Greve dos Operários da Construção Civil que estremeceu toda a região de Belo Horizonte, episódio conhecido como “A Revolta dos Pedreiros”, luta marcada a sangue pelo assassinato de nosso grande Companheiro tratorista Orocílio Martins Gonçalves. É desse contexto, Companheiros, que surge o núcleo organizador operário o Marreta, cuja força ideológico-política demarcaria os dois caminhos do movimento revolucionário em nosso país.

O levantamento dos operários da construção civil estremeceu as bases do regime militar fascista, adquiriu amplitude nacional e, principalmente, representou a maior fornada de lideranças operárias em toda a história do país. Ao celebrarmos os grandes levantes operários de 1979 não só relembremos o heroísmo de inúmeros democratas e revolucionários que entregaram suas vidas por um Brasil novo, mas também relembremos a origem do Marreta, cujo histórico deve nos servir de exemplo para nossas futuras e próximas batalhas!



Operários em fúria, vira uma Kombi, que tentou furar o bloqueio da pista

# “O Sindicato agora é nosso!” A retomada de 1988

Quatro anos após a histórica Greve da Mannensmann (1979), buscando derrubar o interventor Francisco Pizarro, conformamos a Chapa Marreta para disputar a próxima eleição da entidade, convocada para 1985. Apesar de nossa vitória, o processo eleitoral foi fraudado e o senhor Pizarro orquestra um golpe na categoria que lhe garantiu a manutenção do mandato.

Após a constituinte de 1988, que retirou a subordinação do Sindicato ao Ministério do Trabalho, a diretoria da entidade só pode ser composta de trabalhadores da categoria. No mesmo ano, os operários, liderados pela chapa Marreta, convocam uma Assembleia Geral na sede do Sindicato, mobiliza os operários que se levantam no dia 30 de novembro e ocupam o sindicato por vários dias. O resultado foi: expulsão do interventor, Pizarro, processo que pôs fim há 24 anos de intervenção na entidade.

A resistência dos operários culmina com a eleição de uma junta administrativa da qual a CUT/PT foi convidada para integrar. Para realizar a eleição, a junta convocou uma Assembleia Geral Extraordinária para a definição dos novos estatutos do sindicato e para determinar a forma da eleição em fevereiro de 1989. Ao longo do processo, o grupelho oportunista da CUT tenta um golpe que fracassa contundentemente, pois a categoria já estava consciente desses métodos e estavam vigilantes para que a eleição ocorresse dentro dos marcos definidos.

Os dizeres “O sindicato agora é nosso!” estampavam nossos materiais de propaganda e marcam mais vitórias da Marreta: chapa legitimada, eleição vitoriosa e um vasto reconhecimento do seu papel de vanguarda nas principais batalhas dos últimos anos.

O Grupo Marreta é um fruto genuíno dos levantes operários da década de 70 e seu trabalho foi responsável por demarcar os dois caminhos do movimento sindical. As lutas para a retomada do Sindicato abriram um novo momento em nossa história e desmascaram, uma vez mais, o oportunismo eleitoreiro que trilhava seu rumo enquanto verdadeiros bombeiros da luta de classes.

Desde a eleição do Marreta em 1988, iniciamos uma incansável campanha de denúncias contra os supostos



1ª Diretoria Chapa Marreta após a retomada do Sindicato, para as mãos dos trabalhadores - Fevereiro de 1989

acidades de trabalho; contra as mutilações e mortes nos canteiros de obras. A prática comum dos patrões de não proporcionar condições de segurança no trabalho, encontra a força do Grupo Marreta para impôr retificações legais mínimas nas obras. O apoio sistemático às principais lutas, no campo e na cidade, são também práticas de nosso Sindicato. Foram inúmeras Campanhas de Solidariedade ao movimento camponês combativo e de apoio à luta por moradia, como foi o vigoroso mutirão do Morro Alto, que nomeamos de Marretópolis. Isso sem contar de nosso firme princípio internacionalista, colocando nossos Companheiros na linha de frente de inúmeras Campanhas de Solidariedade Internacional, como as históricas manifestações combativas durante a reunião da ALCA (1997) e do BID (2006).

Companheiros! Se “O sindicato agora é nosso”, nesse 30 de julho devemos celebrar com vigor e otimismo as vitórias de nossa classe. Revigoremos nossas forças e marchemos para as próximas batalhas!



Boletim da Chapa Marreta, que pôs fim há mais de 24 anos de intervenção militar no Sindicato - fevereiro de 1989

**Viva a retomada do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de Belo Horizonte!**

**Viva o núcleo histórico do Grupo Marreta! - Nós constrói, nós destrói!**



Concentração de operários na greve de 1990 - Liderada pelo Marreta  
No ex campo do Atlético Mineiro - Bairro de Lourdes

Após a eleição em fevereiro de 1989, a categoria passa a ter várias atividades, sendo a de exigir a segurança do trabalho e principalmente cobrar da patronal respeito aos operários e impõem significativa mudança nos canteiros de obras, tanto que conseguiu reduzir o alarmante número de óbitos nessa máquina de moer gente.

Os operários passam a participar da luta e é deflagrada duas grandes greves em 1990, uma de 13 e outra de 23 dias, que conseguiram arrancar melhorias para a categoria. O Marreta cria condições de montar cursos de alfabetização e de profissionalização, conseguindo formar vários profissionais na categoria, não fosse a “reforma” trabalhista e a mentalidade reacionária de empresários, ainda hoje os cursos seguiriam firmes.

Em que pese os ataques ao nosso sindicato, principalmente por sermos visto como “radicais” pela patronal e todos os reacionários, a identidade da categoria com o sindicato segue cada dia mais forte, o que não quer dizer que não cometemos erros, mas não nos furtamos em debatê-los e corrigi-los na busca de nos manter no caminho da luta classista. Debates com os trabalhadores a necessidade de organização nos canteiros de obras, longe dos puxa-saco e traidores da luta. Para nós, o mais importante para o operário é a elevação de sua consciência de classe e de organização.

Por isso, temos persistido no trabalho de base, realizando inúmeras reuniões com os companheiros, para tentar contrapor ao alto índice de rotatividade em um setor que agrega profissionais, cuja origem é muito simples e oriundos da roça, daí o forte vínculo do Marreta com os camponeses.

O Marreta, defende a aliança operário-camponesa em sua incansável luta pela terra, para quem nela vive e trabalha.

# “Nós constrói, nós destrói!”

## Viva a rebelião operária nas obras de Belo Horizonte e Região!

Seguindo os passos dos metalúrgicos da Manensmann, dos professores e dos rodoviários, a greve da construção civil é cuidadosa e conscientemente organizada nos canteiros de obras e bairros proletários, ao contrário do que pregam os oportunistas e o monopólio de imprensa que apontam o movimento como “espontâneo”. Assim, a força política dos levantes operários da época e do trabalho do grupo Marreta Metalúrgica, impuseram ao interventor, Francisco Pizarro, a convocação de uma Assembleia para o dia 29 de julho, evento que serviu para os operários decidirem a greve para o dia seguinte, nosso grande 30 de julho!

Rapidamente o conjunto de operários que esteve na Assembleia se dividiu em grupos para realizar os piquetes nas principais obras da época: o Mineirinho e o BH Shopping. Nas primeiras horas da manhã de segunda-feira, dia 30, os operários param as obras e marcharam rumo à Praça da Estação, notícia que se espalhou como um raio e impulsionou paralisações em outros canteiros da cidade. A força da rebelião era inegável e a imagem de operários tomando caminhões e ônibus para chegar ao nosso campo de batalha continuará marcando nossa memória!

Assim, dirigidos pelo Grupo Marreta, os operários da construção do Mineirinho e do BH Shopping saíram em marcha rumo a Praça da Estação, onde encontraram operários da construção do Conjunto Palmital de Santa Luzia, que rapidamente montaram a autodefesa para os futuros combates e para não permitir que infiltrados tomassem o movimento. A marcha dos operários seguia e nem mesmo um carro em alta velocidade foi capaz de atravessar a manifestação, uma prática de sabotagem que colocava em risco a vida dos manifestantes. A resposta do movimento foi enérgica: carro tombado e incendiado.

A “Revolta dos Pedreiros” se torna manchete dos principais noticiários, é comentada em estações de rádio, canais de televisão e causa a tradicional propaganda dos reacionários que orientava a população a “não sair às ruas” pois éramos “incontroláveis, violentos” e que promovíamos “quebra-quebra”. O próprio governador, Francelino Pereira, acusa o Grupo Marreta de ser a liderança do movimento, inclusive nomeando nossos Companheiros mais destacados.

A marcha seguia para o então Campo do Atlético Mineiro (Avenida Olegário Maciel – Lourdes, onde hoje funciona o Diamond Mall Shopping). A população saudava a manifestação dos operários com papéis picados jogados das janelas dos prédios em todo o



Operários respondem com paus e pedras os covardes feitos por policiais do velho Estado em 1979

percurso e carros buznavam. A população presenciou a cidade tomada pelos pedreiros, serventes, armadores, carpinteiros, e demais operários da categoria e apoiou o grandioso movimento.

Ao chegar no destino, o prefeito Maurício Campos, havia ordenado que os portões ficassem fechados, o que não foi difícil de arrombar. Nesse momento outro confronto com a polícia é desencadeado e, dos disparos de um oficial militar, nosso companheiro, Orocílio Martins Gonçalves, foi morto. Esse covarde assassinato explode incontrolavelmente a revolta, fazendo com que operários em fúria tomassem as ruas não deixando nenhum estabelecimento funcionar. Os operários avançam nos combates e passam a entoar a palavra de ordem: “Nós construímos, nós destruimos”.

Depois de cinco dias de radicalizada mobilização, foi realizada uma Assembleia Extraordinária em que se votou o retorno ao trabalho, colocando fim num verdadeiro Estado de Sítio que assombrou os gorilas do regime militar fascista e civis reacionários de plantão.

Como uma caricatura, no segundo dia de greve, uma comitiva de sindicalistas, adestrados em escolas de quadros do imperialismo, como as anticomunistas Ciols e o IADESIL, desembarca no aeroporto da Pampulha. Aquela corja de oportunistas tentavam cavalgar no movimento para colocá-lo a serviço da criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e afirmavam para a imprensa que: “Chegamos para pôr ordem na casa” e que iriam “controlar” a massa enfurecida detendo os manifestantes dentro do campo para “evitar mais tumultos com a polícia”. A trupe era composta por, nada mais nada

menos, que: Luiz Inácio (Lula), Henos Amorina, Nelson Cardasi, Jacob Bittar, Olívio Dutra e Hugo Peres. Falharam miseravelmente e tiveram que dar meia volta com o rabinho entre as pernas e procurar outro lugar para construir sua política oportunista de governo.

Os nomes daquela comitiva de bombeiros da luta de classes são figurinhas carimbadas na política brasileira. Hoje ocupam altos cargos na burocracia do governo de turno e seguem com sucessivos projetos para vender a causa de nossa classe aos grandes burgueses e latifundiários, serviços do imperialismo, principalmente ianque. A agremiação que encontraram foi o PT, partido de ex-guerrilheiros arrependidos e oportunistas eleitoreiros que, de eleição em eleição, buscam um novo ponto de apoio para se escorar e que pregam o velho caminho da conciliação de classe, a farsa eleitoral.

Escolhendo o rumo da luta e não o da conciliação, retomamos o Sindicato em 30 de novembro de 1988, ponto fim mais de 24 anos de intervenção militar na entidade. Desde então, Companheiros, superando inúmeras dificuldades, a Marreta tem participado e apoiado as principais batalhas na luta de classes de nosso país, no campo e na cidade, no Brasil e no mundo. O 30 de julho que hoje celebramos, eleito o Dia do Trabalhador da Construção Civil, é para nós motivo de orgulho e serve de combustível ideológico para os futuros embates que vamos travar. De obra em obra no raiar do dia, das conversas no pé do ouvido, dos nossos Seminários, nasce, palmo a palmo, os novos e futuros levantes operários que chacoalharão Belo Horizonte e região!



Operários erguem faixas e cartazes improvisados, mostrando as reivindicações - em 1979



1º de Maio de 2023, bandeira da Marreta, presente no ato da Praça Sete em BH

**Viva a luta classista e combativa! - Viva os levantes operários de 1979!**